

# Por uma psicanálise menos falocêntrica: as ideias de Karen Horney

Maria Claudia de Oliveira Lordello

Resenha de Patrícia Mafra de Amorim, *A recusa da vagina: Karen Horney, o feminismo e a feminilidade na psicanálise*, Porto Alegre, Artes & Ecos, 2023, 166p.

Este livro é fruto de muitos avanços no campo social, que aconteceram nos últimos anos, diz Patrícia Mafra de Amorim, autora de *A recusa da vagina – Karen Horney, o feminismo e a feminilidade na psicanálise*. O contato com o livro de Amorim veio ao encontro de uma série de questionamentos ocorridos durante a escrita de minha tese de doutorado, que aborda a sexualidade feminina. A partir dele, é possível confirmar como antigos modelos patriarcais têm sido questionados e como nunca antes estivemos em um cenário tão propício para recuperar as ideias de Karen Horney, dando-lhe a notoriedade merecida. Portanto, esta resenha é um convite para uma reflexão sobre o feminino e pela busca de uma psicanálise menos falocêntrica, ainda que embasada no legado freudiano.

Karen Horney é conhecida como a psicanalista que inseriu a pauta feminista na psicanálise, questionando o falocentrismo presente em teorizações e concepções psicanalíticas altamente contaminadas pelo machismo em relação ao psíquico feminino.

O livro pretende se aprofundar nas razões pelas quais a obra de Horney não foi suficientemente reconhecida e nas condições sócio-históricas que

influenciaram essas razões. Portanto, buscou-se a retomada da história do movimento psicanalítico, localizando as teorizações de Horney em seu contexto histórico, político e social.

Horney nasceu na Alemanha em 1885. Era psiquiatra e foi uma das primeiras mulheres atuantes no campo da psicanálise, contribuindo com um vasto conhecimento teórico sobre a constituição psíquica feminina, apresentando ideias que se distanciavam das originais. Liderando um intenso debate sobre a feminilidade na década de 1920, foi membro-fundadora do Instituto de Berlim e, ao se mudar para os EUA, em 1932, tornou-se diretora associada do Instituto Psicanalítico de Chicago. Mudou de cidade em 1935 e lá passou a integrar o corpo de analistas do Instituto Psicanalítico de Nova York, com intensa atuação profissional ministrando cursos, supervisões clínicas e análise didática. Mas as ideias divergentes de Horney levaram-na à expulsão do instituto em 1941, abrindo-se as portas para a possibilidade de fundar a Associação Americana para o Avanço da Psicanálise, que existe ainda hoje na cidade de Nova York. Sua morte aconteceu em 1952, aos 67 anos, nessa mesma cidade americana, em que viveu seus últimos anos.

Patrícia Mafra de Amorim inicia o livro demonstrando que a história da psicanálise não pode ser contada apenas como uma sucessão de fatos, pois o discurso histórico diz respeito a um lugar no tempo e no espaço onde parte tal discurso. Quais seriam os sentidos ocultos determinantes para o não reconhecimento das ideias de Karen Horney no movimento psicanalítico? Durante todo o livro, a autora dedica-se a investigar essa questão.

A historiografia da psicanálise se escreve a partir da ideia de que o movimento psicanalítico deve ser único em seus conceitos teóricos para legitimar sua política institucional. Portanto, parece que todos os teóricos que propuseram postulados diferentes foram deixados de fora da história oficial da psicanálise. Ao pensar ainda no recorte de gênero, a autora acredita que a psicanálise, em sua criação, fora centralizada em figuras masculinas, e as mulheres que eram teóricas e divergiam

**Maria Claudia de Oliveira Lordello** é psicóloga com formação em psicanálise, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e especialista no atendimento de mulheres com dificuldades sexuais.

DOI: 10.70048/percurso.73.170-174

dos postulados freudianos comporiam o grupo daqueles que tiveram sua voz apagada.

No livro, Patrícia Mafra de Amorim, de forma inovadora, utiliza-se da teoria da traumatogênese de Sándor Ferenczi, como um modelo útil para a compreensão das desigualdades na distribuição de poder nas instituições psicanalíticas, compreendendo que há um dispositivo de “desmentido” ou de “recusa” de discursos teóricos considerados indesejados, como foi o de Karen Horney.

O trauma para Ferenczi é composto por três tempos: o primeiro momento da violação da criança pelo adulto, que a confunde com sua sexualidade adulta, sendo esse o tempo do *indizível*; no segundo momento a criança procuraria alguém para ajudá-la a simbolizar o que aconteceu, sendo esse o tempo do *testemunho*; e no terceiro tempo, do *desmentido*, quando o adulto que escuta as queixas da criança recusa completamente a sua fala, desmentindo-a. (Kupermann, 2019)

A conduta mais desfavorável para lidar com os efeitos do trauma é recusar a sua existência, uma vez que essa recusa é o que o tornaria, de fato, patológico. O choque traumático poderia não ser patológico, se a criança fosse reconhecida e apoiada em sua queixa. Patrícia Mafra de Amorim destaca que o conceito de *reconhecimento* tão presente no pensamento ferencziano foi utilizado por outros autores contemporâneos como Judith Butler, pesquisadora das questões de gênero, para demonstrar a importância do reconhecimento dos discursos sociais não vigentes em decorrência de lutas de poder.

O trauma na concepção freudiana nos apresenta a ideia de que o excesso de excitação em um psiquismo incapaz de contê-lo resulta na repressão desse conteúdo excitatório. Como consequência, ocorre a paralisia do pensamento, e a capacidade de simbolização do sujeito torna-se prejudicada, restando apenas a angústia. De forma muito semelhante, Amorim busca demonstrar que as ideias de Horney sobre a sexualidade feminina causaram tanto impacto na psicanálise de então, que foram sentidas como um conteúdo profundamente incômodo e impossível de ser pensando e simbolizado pela sociedade da

época radicalmente machista. Sendo assim, tais ideias foram ativamente rejeitadas e apartadas da “consciência” daquela jovem ciência que ainda lutava por solidificar seus conhecimentos. Foi o primeiro tempo do trauma *ferencziano*, onde, por meio de uma invalidação de suas ideias, Karen Horney foi violada em seu pensar.

Dando sequência, a autora nos oferece um panorama histórico sobre as disputas políticas e teóricas entre os autores no início da psicanálise, que revelam uma assimetria existente no campo psicanalítico, quando apenas as ideias de Freud eram consideradas legítimas. Com o reconhecimento e a divulgação cada vez maior da psicanálise na virada do século xx, foi inevitável que novas escolas e novos pensamentos teóricos comesçassem a surgir, divergindo das ideias originais freudianas. Como forma de garantir o futuro de sua criação teórica, Freud funda a IPA – International Psychoanalytical Association em 1910, com o objetivo de traçar um delineamento mais claro sobre o que seria ou não uma psicanálise legítima. Nesse contexto histórico, surgem os primeiros confrontos no campo psicanalítico, numa luta de poder, nem sempre ligada às diferenças teóricas, mas como forma de deslegitimar o oponente e se fixar como autoridade científica. (Kupermann, 1996)

É inegável o fato de que o monopólio da autoridade científica nas mãos de Freud foi determinante para a garantia da integridade teórica e continuidade da psicanálise. Entretanto, pode-se também afirmar que tal postura afastou qualquer outra ideia que ameaçasse os conceitos vigentes, como a universalidade do Édipo ou a lógica fálica, deixando de fora o diferente e impondo uma rigidez teórica à psicanálise. Há algo de comum em todas as escolas de psicanálise: cada uma delas acredita ser a única derivação adequada da matriz freudiana, pois como dizia Mezan (2019), a dificuldade de enfrentar a diversidade faz com que haja a necessidade de contornos e fronteiras teóricas excessivamente rígidas.

Nesse contexto, temos Karen Horney, que abriu o debate sobre a feminilidade, questionando

o viés falocêntrico da teoria psicanalítica e revelando toda a dificuldade de propor modificações nas estruturas hierárquicas dos gêneros, sejam elas teóricas, políticas ou sociais.

A partir de 1922, Karen Horney iniciou seus escritos sobre feminilidade, propondo abordar o tema do desejo sexual feminino, que era algo visto com muitas ressalvas pela sociedade e por alguns psicanalistas também. Gradativamente, foi inserindo fatores culturais em suas interpretações sobre o desenvolvimento psíquico. Já morando nos EUA, a partir de 1935, a autora passou a se dedicar à revisão da teoria psicanalítica, ao lado de sociólogos, antropólogos e psicanalistas neofreudianos, em um movimento de grande visibilidade naquele país, chamado de “culturalismo”. Horney afirmava que não se pode compreender as estruturas neuróticas sem um conhecimento detalhado das influências que a cultura específica exerce sobre o indivíduo. Sofrendo duras críticas dos psicanalistas mais ortodoxos, o movimento culturalista foi visto como uma tendência à “americanização” da teoria, visando torná-la mais pragmática, como era considerada a cultura americana.

Patrícia Mafra de Amorim destaca que Horney não estava alheia às críticas quanto às suas teorias, mas que compreendia, acima de tudo, que a psicanálise não era uma obra acabada e que deveria ser sempre revisitada em seu tempo histórico. Nas palavras de Horney,

Já que muitas das minhas interpretações desviam das de Freud, alguns leitores podem se perguntar se o que proponho aqui ainda é psicanálise. A resposta depende do que se considera essencial em psicanálise. Se acredita que ela é constituída inteiramente pela soma total das teorias propostas por Freud, então o que é aqui apresentado não é psicanálise. Se, por outro lado, acredita-se que o essencial da psicanálise está em algumas tendências de pensamento que se referem ao papel dos processos inconscientes e os caminhos pelos quais eles encontram expressão, e na forma de tratamento terapêutico que traz esses processos para a consciência, então o que eu apresento aqui é psicanálise (Horney apud Amorim, p. 9).

Sofrendo muitas críticas por parte da ala mais conservadora, Horney foi destituída de vários cargos que ocupou nos institutos de psicanálise. Ela deixou três das quatro instituições das quais fez parte, em Berlim, Chicago e Nova York, sendo convidada a se retirar dos institutos americanos. Apesar disso, nunca deixou de inserir seu trabalho no universo psicanalítico.

Se aproximando novamente da teoria da traumatogênese de Ferenczi, Amorim traz o segundo tempo do trauma, para demonstrar como Horney buscou o *testemunho* de sua experiência pessoal e clínica por meio da sua teoria da feminilidade. É sabido que toda obra psicanalítica portará muito das experiências íntimas e subjetivas de seu autor. Assim como Freud, que desenvolveu boa parte de seus conceitos por meio de sua autoanálise, e não poderia deixar de ser também com Karen Horney.

Horney, entre 1927 e 1928, escreveu artigos que tratavam da relação entre os sexos, principalmente no casamento, que foram interpretados como autobiográficos, pois revelavam a experiência pouco satisfatória que tinha com seu marido. Abordava questões como a tendência à poligamia, o ideal monogâmico e os conflitos na aceitação do papel feminino na sociedade. Além das explicações metapsicológicas que apresentava em seus escritos, Horney introduziu os fatores culturais ligados ao patriarcado, que conferem à mulher o lugar subalterno na sociedade, e que contribuem para a alta frequência de frigidez e insatisfação sexual.

Patrícia Mafra de Amorim destaca que Horney figura no cenário psicanalítico durante a primeira onda feminista e demonstra que os dois campos do saber, a psicanálise e o feminismo, pertenceram à mesma época histórica e dividiram interesses em comum. As descobertas freudianas encaixavam-se perfeitamente nas demandas feministas, uma vez que a ideia de libido indicaria que essa energia estaria presente em todos os seres humanos e poderia estar muito mais vinculada ao prazer do que aos imperativos da procriação.

Horney se diferencia teoricamente de Freud em diversos pontos, mas a maior divergência está na ideia de que o órgão genital feminino não

poderia ser definido como a mera ausência de um pênis, como dizia o pai da psicanálise. Ela defendia que o órgão masculino era supervalorizado na cultura patriarcal como símbolo de poder, enquanto a capacidade de gerar bebês não recebia a mesma atenção dos psicanalistas. Afirmava que a depreciação do lugar da mulher na sociedade justificava-se por uma ação compensatória, e possivelmente invejosa, dos homens que não possuíam a capacidade de gerar vidas.

Foi nas pesquisas em parceria com ginecologistas, que Horney demonstrou que, desde muito cedo, as meninas possuem consciência da vagina, e que se houver um desconhecimento dela é, na verdade, sua recusa. Julga que não apenas as pacientes permaneciam ignorando o seu órgão genital, mas também os próprios psicanalistas não atentavam a esse mecanismo de defesa social perverso.

Horney também menciona a fantasia da menina de ser penetrada pelo pênis do pai, desproporcionalmente maior que a sua pequena genitália, como a origem das angústias de castração. Cabe aqui uma opinião pessoal, pois atendendo mulheres há muitos anos, tal afirmação me parece muito apropriada para aquelas com dificuldades sexuais de penetração, como o vaginismo, que não só desenvolvem uma relação altamente fóbica com o pênis, mas também possuem fantasias inconscientes de uma vagina destruída por dentro. Horney diz que as dificuldades sexuais femininas em decorrência das fantasias incestuosas inconscientes são dirigidas à vagina, muito mais do que ao clitóris. De fato, temos no vaginismo mulheres que possuem contato prazeroso com o seu clitóris, mas repudiam completamente a sua vagina. No texto “A fuga da feminilidade”, de 1926, Horney reforça a intensidade dessa ansiedade genital presente nas meninas, decorrente das fantasias de serem lesadas pela penetração, e afirma que seria essa ansiedade mais determinante para o refúgio da menina em um papel masculino, do que a inveja do pênis.

Quanto ao superego, Freud afirmava que as meninas teriam menos senso de moralidade, pois não vivenciam o medo da castração como os

meninos. Mas, como afirma Amorim, se considerarmos a intensidade da ansiedade genital da menina que é baseada na desproporção entre o pênis do pai e a vagina da criança, e também o fato de que não é possível verificar a integridade de seus genitais após a masturbação (por serem órgãos internos), podemos considerar que o medo e a culpa pela realização de seus desejos seriam muito maiores na menina, o que resultaria em um superego mais rígido.

De forma interessante e inovadora, Patrícia Mafrá de Amorim chega ao terceiro tempo do trauma *ferencziano* para apresentar a resposta institucional da comunidade psicanalítica às teorizações de Karen Horney, que conduziram suas ideias a parecerem não psicanalíticas, assemelhando-se ao processo do *desmentido*. Esse termo revela a dimensão enganosa, a mentira, que rouba o lugar da experiência real, algo que foi identificado nas pesquisas de Amorim quanto à obra de Horney.

Segundo a autora desse livro, alguns artigos freudianos foram escritos como resposta ao debate que Horney BUSCAVA travar com suas novas ideias teóricas. Acredita-se que a forma como Freud endereçou o artigo de 1925 “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, e o de 1931 “Sexualidade feminina”, desmentiram as contribuições fundamentais que Horney trouxe em sua apresentação de 1922 no 7º Congresso Psicanalítico, na qual Freud era o presidente da mesa. Nesses textos de Freud, a teoria se tornava ainda mais opressiva à mulher, em que se afirmava que o clitóris era como um pênis pouco desenvolvido, e a vagina uma ferida decorrente da ausência do órgão masculino. Sem entrar no debate com Horney, Freud teria executado o apagamento das diferenças teóricas entre eles, com o objetivo de reafirmar a sua própria teoria.

A rejeição mais definitiva de Freud fora, de fato, à tentativa de Horney de discutir o papel da inveja do pênis no desenvolvimento psíquico da menina, demonstrando que os aspectos culturais também possuíam relevância na compreensão teórica que se tinha na época. Mas Freud não

estava disposto a admitir. Não reconhecendo a importância da libido mobilizada pela vagina, Freud nunca deixou de lado a conclusão de que o que afastaria a menina da mãe em direção ao pai seria o complexo de castração, num movimento de culpabilizar a mãe pela falta de pênis em si mesma. Patrícia Mafra de Amorim, em seu livro, demonstra claramente como Freud considerava a falta de pênis tão importante na vida psíquica das meninas e mulheres, tornando esse aspecto fator causal para diversas conclusões teóricas.

Apesar de não entrar nas discussões teóricas de Horney, Freud demonstrava ter conhecimento acerca de seus trabalhos e refutava-os veementemente. Sob a visão de Patrícia Mafra de Amorim, devemos ir além da ideia de que Freud era apenas “um homem de seu tempo”, para perceber o desmentido em suas ações.

Ele (Freud) o fez sob uma perspectiva que desmente os achados e observações da autora (Horney), tecendo considerações admitidamente teológicas, sem preocupar-se com o rigor teórico-clínico, como nos casos do viés masculino na cultura e na teoria psicanalítica, de o interesse pelo pai ser contíguo à identificação com a mãe, da presença de sensações vaginais precoces, entre tantas outras. O desmentido, aqui, apresenta-se de uma forma estranhamente familiar; tão familiar a ponto de não o reconhecermos como tal, justificando-o como se fosse apenas um aspecto datado da teoria, sem perceber que ele ainda está presente no âmago dela – e que, muitas vezes, ela ainda é transmitida sem a preocupação de que se critiquem seus aspectos problemáticos e as consequências que deles advêm (p. 123).

Karen Horney também vivenciou um desmentido nas instituições psicanalíticas de que fez parte. Amorim faz uma análise apurada e detalhada de toda a trajetória de Horney dentro das instituições psicanalíticas, compreendendo que seu lugar nesse contexto fora marginalizado e excluído. Sempre envolvida em grandes controvérsias sobre a sua teoria ser ou não parte da psicanálise, Horney enfrentou sérias problemáticas em todas as instituições por que passou.

Não apenas Horney, mas outros autores e autoras, que muito contribuíram para o desenvolvimento da psicanálise, foram vítimas de desmentidos nas disputas teóricas e institucionais, o que faz da psicanálise um campo clivado e dividido, segundo Patrícia de Mafra Amorim. Psicanalistas como Sándor Ferenczi, Otto Rank, Sabina Spielrein, por exemplo, foram vistos como loucos, “mal analisados” e relegados a segundo plano, para dar lugar a protagonistas mais bem relacionados e que falavam a mesma língua do pai da psicanálise.

A importância desse livro está em demonstrar como se torna fundamental atribuir à psicanálise uma história, a fim de construir um saber acerca de suas origens e desenvolvimento, para melhor compreender a teoria e fazê-la caminhar. Os percalços, conflitos e diferenças teóricas são, antes de tudo, parte fundamental da história da psicanálise e não podem ser excluídos.

Patrícia Mafra de Amorim deixa claro que o objetivo de seu livro não foi o de elevar a teoria de Horney ao estatuto de verdadeira psicanálise, mas de refletir acerca das diversas tentativas de discriminação das diferentes escolas de psicanálise, que visam muito mais à exclusão do que à inclusão das diferenças teóricas.

A psicanálise contribuiu para a desvinculação do sexo à reprodução, mas cometeu excessos naturalizando aspectos problemáticos acerca da feminilidade da época, repetindo os desmentidos sociais que temos ainda hoje. Horney parece ter buscado ativamente por espaços em que pudesse exercer sua liberdade de pensamento, sem encontrá-los. Como é possível ver de forma clara e convincente no livro de Amorim, as disputas dentro da comunidade psicanalítica parecem ter dificultado o reconhecimento da sua teoria, configurando mais um grande desmentido na história da psicanálise.

Esse livro, por meio da voz de Patrícia Mafra de Amorim, visa reconhecer, honrar e integrar as contribuições de Horney ao arcabouço teórico da psicanálise. Merece a leitura!